The Swastika

What it Represents

From a talk given at Montreal in 1933

An Exclusive English Translation

Adrien Arcand Books – Free Edition

Adrien Arcand

A Cruz Gamada – O que ela representa

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

DEFINIÇÕES:

ADJETIVO: ANACRÔNICO

1. Cronologicamente deslocado

SUBSTANTIVO: **ANACRONISMO**

1. Algo localizado em um tempo quando não poderia ter existido ou ocorrido

2. Um artefato que pertence a outra época

NOTA BENE:

Seria **anacrônico** interpretar as intenções de Adrien Arcand usando interpretações do pós-guerra da suástica atribuída a Hitler por vários escritores. Adrien Arcand adotou a suástica em 1933, bem antes da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), e ele explicou claramente o que ela significava para ele. Era um símbolo para unir a família dos povos brancos ocidentais em entendimento mútuo, para *evitar* outra guerra mundial entre eles. Era o símbolo de uma identidade racial comum transcendendo fronteiras internacionais com o propósito de alcançar "paz mundial real".

Um entendimento diferente da suástica não pode ser removido do contexto do pós-guerra e transposto para trás no tempo para um período da história quando ela não tinha esse significado. Não pode ser imposto a um homem para quem não tinha esse significado, em particular quando o homem já explicou precisamente o que ela significava para ele, em 1933.

A Cruz Gamada

O QUE ELA REPRESENTA

Desde sua dispersão, os judeus, espalhados por toda a Terra, nunca deixaram de formar um todo compacto, fanaticamente unidos no que diz respeito aos seus interesses nacionais. Eles são os mais ardentes dos nacionalistas, como provam seus livros sagrados e profanos.

Quer na Alemanha, na Inglaterra, na França, nos Estados Unidos, na Polônia ou no Canadá, os judeus permanecem imutavelmente judeus devido a este profundo nacionalismo que os caracteriza. Onde quer que sejam encontrados, eles não quiseram se tornar alemães, ingleses, franceses, americanos ou canadenses, enquanto as raças antigas, a romana, a celta, a gálica, a franca, etc., fundiram-se em grupos mais generalizados, mais flexíveis e mais civilizados. A marcha do tempo e o trabalho dos séculos refinaram e poliram todas as raças, mas nada foi capaz de alterar o judaísmo ou o judeu. Eles são hoje exatamente o que eram no tempo de Moisés, no tempo de Cristo e no tempo de Maimônides[1], os agentes, os apóstolos, os propagadores do materialismo.

Isto se explica porque os judeus, que nunca se consideram em seu próprio país em qualquer lugar, não encontrando em nenhum país um lar para o judaísmo, confinaram-se aos interesses materiais dos países que os recebem, sem desejar aceitar os interesses espirituais e morais. Se os judeus sofrem com mais ou menos lealdade a bandeira que os acomoda, porque nunca é sua bandeira, eles se reúnem unanimemente sob o estandarte da Estrela de Sião, feita de dois triângulos entrelaçados. Este é o símbolo do nacionalismo judeu, seu emblema nacional, e eles o ostentam em todos os países onde são encontrados. Em sua luta pela dominação mundial, os judeus da Inglaterra põem de lado a bandeira inglesa, os judeus da França fazem o mesmo, assim como os judeus canadenses no Canadá, para reconhecer acima de tudo e antes de tudo o estandarte

1 Rabino Moses Ben Maimon, também chamado de Moses Maimonides, foi um filósofo espanhol considerado o maior erudito judeu da Idade Média, e que codificou a lei judaica no Talmud (1135-1204). Ed.)

sionista. Apen os semitas, ou descendentes de Sem, ostentam esta bandeira; o símbolo dos triângulos entrelaçados é mesmo mandatado entre certos árabes.

Diante do assalto dos judeus contra as raças brancas ou jaféticas (os descendentes de Jafé), estas últimas tenderam gradualmente a se aliar em um vasto movimento defensivo. Não é por causa da propaganda alemã, mas porque todos estão conscientes do mesmo ataque e sentem o mesmo perigo que todos os países tendem simultaneamente para um antissemitismo protetor; é porque cada nação vê e reconhece o que foi visto na Alemanha. Temos também o espetáculo de uma imensa contração, em todos os países brancos, para se salvar de um perigo cuja existência não pode mais ser negada. Os descendentes de Jafé, em um grande movimento geral e de alguns aspectos inconscientes, estão se levantando para responder à ofensiva dos descendentes de Sem.

Além dos nossos interesses ingleses, franceses, italianos, alemães ou outras características secundárias, há uma grande característica básica e fundamental; somos todos da raça branca. Se cada um de nós tem, de acordo com nosso país, uma bandeira nacional, todos nós temos, como membros da raça branca, um emblema comum que a simboliza: a cruz ponteada ou suástica, reproduzida no frontispício.

A suástica não é um símbolo hitlerista nem um emblema nacional. É um estandarte genérico que reúne à sua sombra todos os membros da raça indo-ariana, à qual os brancos pertencem. Se este signo é odiosamente denunciado pelos judeus, é porque os semitas não podem reivindicá-lo. O judeu pode reivindicar para si uma bandeira inglesa, ou uma bandeira francesa, ou qualquer símbolo religioso que ele aceitar, mas nunca e por nenhuma consideração ele pode se colocar sob a suástica, porque nenhum poder pode fazer um indo-ariano.

O mais recente estudo científico conduzido sobre as origens da suástica foi do Professor W.-Norman Brown, Ph.D., da Universidade da Pensilvânia, onde ele ensinava Sânscrito. Neste estudo (Agosto de 1933), o Professor Brown, que é anti-hitlerista, afirmou que a suástica foi empregada pela primeira vez nas regiões “jaféticas” (Vale do Indo, Baluchistão, Troia,

Susa, Chipre, Rodes, Atenas) há três mil anos antes da era cristã, como atestado por descobertas arqueológicas; que este emblema nunca foi usado pelos semitas, que não é encontrado entre as antiguidades de seus territórios. Desde o ano 2.000 antes de Jesus Cristo, a suástica foi sempre empregada com profusão por todos os grupos da raça indo-ariana. Hoje, ela forma um ponto de reunião para todos os "jaféticos" [Brancos] assediados pelos semitas em uma invasão e combate incruento mas econômico e político, cujas consequências são idênticas às de um exército conquistador.

Discuta você quanto quiser a pureza de uma seção indo-ariana particular, não obstante permanece o fato de que a raça branca é a raça branca, que os descendentes de Jafé não têm nada em comum com os descendentes de Sem, que eles diferem por instintos fundamentalmente opostos, que as tendências espirituais dos primeiros nunca podem se aliar às tendências materialistas dos outros.

Os antissemitas fascistas de todos os países adotaram como seu emblema a suástica, o símbolo de sua raça. Embora o fascismo seja energicamente nacionalista, ele encontra na suástica a chave para um internacionalismo que deve responder ao internacionalismo judeu, porque o combate travado não pode ser vencido de outra forma. Da mesma forma, embora os antissemitas fascistas sejam positivamente cristãos, eles não querem arrastar sua cruz cristã, um símbolo religioso, para a poeira da batalha, porque esta não é uma guerra religiosa.

A suástica é e permanecerá o símbolo de reunificação da raça branca, em seu esforço mundial para livrar-se da dominação econômica e política dos judeus. Assim como os judeus buscam inspiração em sua Estrela de Sião, exibindo-a, fazendo dela uma senha entre sua raça, os jaféticos devem usar sua suástica sem medo, buscar inspiração nela, fazê-la uma senha, para que os povos da raça branca parem suas querelas internas, cessem de temer uns aos outros e permitam-se ser divididos pelos judeus, para que possam compreender-se uns aos outros, concordar uns com os outros, e ouvindo a voz de seu sangue e seus instintos compartilhados, chegar à paz mundial

real. Que a suástica voe orgulhosamente e vitoriosamente em todos os lugares!

SOBRE O AUTOR

ADRIEN ARCAND nasceu em Montreal na Paróquia da Imaculada Conceição em 3 de outubro de 1899 em uma família operária de doze filhos. Ele foi um jornalista de carreira. A partir de 1920, ele ganhou seu sustento em La Patrie (um diário), em La Presse e no *Montreal Star*, sendo fluente em inglês assim como em sua língua materna, o francês. A maior parte de seus escritos conhecidos estão em francês.

Em 1924, após o treinamento básico, ele obteve a patente de Tenente na Milícia Canadense Real com o regimento Châteauguay, cujo emblema oficial ele desenhou com seu irmão, Major Louis-Georges Arcand.

Em 14 de abril de 1925, ele se casou com Yvonne Giguère da Cidade de Quebec. Eles tiveram três filhos: Yves-Adrien, Jean-Louis e Pierre.

Arcand lançou um semanário humorístico e polêmico de sua autoria, Le Goglu, cuja primeira edição apareceu em 8 de agosto de 1929, quase todo o conteúdo do qual ele escreveu, assinando-o “Emile Goglu”.

Em novembro de 1929, nas páginas do *Goglu* e de outros jornais que ele dirigia, (Le Chameau e Le Miroir) (tradução: “O Bobolink”, “O Camelo” e “O Espelho”), o Sr. Arcand sugeriu a ideia de organizar um vasto movimento nacionalista. Foi assim que, algumas semanas depois, a Ordem Patriótica dos Goglus entrou em operação, para espalhar a doutrina que o Sr. Arcand havia elaborado.

O Sr. Arcand fundou o Partido Cristão Nacional Social em outubro de 1933. Na convenção nacional de 1938, este partido foi substituído pelo Partido da Unidade Nacional do Canadá e o Sr. Arcand foi eleito líder por aclamação dos delegados de oito províncias, nenhum outro nome sendo sugerido.

Cinco meses antes da guerra de 1939-45, o Sr. Arcand anunciou a inevitabilidade desta guerra, “que só resultaria na derrubada dos impérios europeus e na expansão do Judeocomunismo pelo mundo, unicamente para descristianizar os povos ocidentais e judaizá-los.”

Em 21 de junho de 1940, seu movimento foi declarado “ilegal” e o Sr. Arcand foi enviado, junto com seus principais tenentes canadenses, para campos de concentração, sob pressão do judaísmo na América e na Inglaterra. Ele seria privado de sua liberdade por cinco anos e cinco semanas: o internamento mais longo de seu tipo em todo o Império Britânico. Ele só deixou os campos três meses após o fim da guerra. Ele poderia ter sido libertado se quisesse “fazer sua parte leal por nosso glorioso aliado soviético”, o que ele persistentemente se recusou a fazer, a cada seis meses.

Adrien Arcand morreu em 1º de agosto de 1967, apenas alguns meses depois de ter escrito “A Inevitabilidade de uma Reconstrução Social” em fevereiro de 1967. Ele foi enterrado em uma tumba modesta em Lancraie, Quebec.

Adrien Arcand foi um mentor do notório Ernst Zündel.

Adrien Arcand proferiu as palestras públicas, *Le Communisme Installé Chez Nous* (O Comunismo Instalado Aqui) e *La Révolte du Materialisme* (A Revolta do Materialismo), em Montreal em 1966, o ano anterior à sua

morte. Ele proferiu a palestra pública, *Fascisme ou Socialisme?* contendo "*La Croix Gammée, Ce Qu'elle Représente*" ("A Suástica, O Que Ela Representa"), em Montreal em 1933.